

Fundações privadas americanas e suas relações com o desenvolvimento científico

American private foundations and their relationships with the scientific development

Ednéia Silva Santos Rocha*

Resumo: Apresenta-se um retrospecto da cooperação internacional, ressaltando as características das fundações privadas americanas e suas relações com o desenvolvimento científico, as principais fontes de informação sobre a atuação dessas fundações e uma análise crítica a ação das agências privadas de cooperação internacional. Para tanto, utilizou-se diferentes fontes de pesquisa incluindo artigos e livros sobre o tema, além de pesquisa nos relatórios anuais das fundações citadas nesse estudo. Conclui-se que as fundações procuram melhorar a eficácia e eficiência buscando alcançar objetivos pré-definidos, elaborando estratégias de atuação e monitorando os resultados alcançados. Como recompensa, são reconhecidas mundialmente pelo seu prestígio junto às comunidades científicas, no entanto, vale destacar que há várias críticas em relação às ações dessas fundações no contexto da cooperação internacional.

Palavras-chave: cooperação internacional; filantropia científica; fomento à pesquisa.

Abstract: We present a retrospective of international cooperation, highlighting the characteristics of American private foundations and its relations with scientific development, the main sources of information about the activities of these foundations and a critical analysis of the action of private agencies of international cooperation. To this end, we used different research sources including articles and books on the topic, and research in the annual reports of the foundations mentioned in this study. We conclude that the foundations seek to improve the effectiveness and efficiency seeking to achieve predefined goals, developing action strategies and monitoring the results. As a reward, are recognized worldwide for its prestige in the

* Doutora em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Marília). Atualmente é bibliotecária na Faculdade de Direito de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FDRP/USP).

scientific community, however, it is worth noting that there are several criticisms of the actions of these foundations in the context of international cooperation.

Keywords: international cooperation; scientific philanthropy; fostering research.

Na era moderna, é importante notar, que a criação da entidade fundacional, multiplicou-se pela Europa, principalmente na Alemanha sendo “influenciada pela igreja protestante do século XVI, com o reconhecimento da independência da propriedade eclesiástica” (DINIZ, 2007, p.48). O fenômeno também se infiltrou nos EUA, no século XVIII, principalmente após a Guerra de Secessão¹. Como exemplo pode-se citar “*Peabody Educational Fund*, criado em 1867, com o escopo de difundir a educação nos estados do sul e sudeste dos EUA” (DINIZ, 1997, p.11).

Nesse cenário, apresenta-se um retrospecto da cooperação internacional, ressaltando as características das fundações privadas americanas e suas relações com o desenvolvimento científico, as principais fontes de informação sobre a atuação dessas fundações e uma análise crítica a ação das agências privadas de cooperação internacional.

Gardner (1992) ressalta que as fundações são um fenômeno da sociedade americana, pois seu desenvolvimento foi desencadeado pela imensa riqueza privada acumulada nas décadas após a guerra civil, pelo crescimento econômico e por razões fiscais. Vale ressaltar que elas se proliferaram com maior intensidade após a Segunda Guerra Mundial.

A maioria das publicações que fornecem uma definição de fundações privadas utilizam os critérios estabelecidos por Frank Emerson Andrews, que em 1956 estudou o papel das fundações privadas americanas na sociedade. De acordo com Andrews, uma fundação é:

Uma organização não governamental, sem fins lucrativos, tendo um fundo próprio principal, gerido pelos seus próprios administradores ou diretores, e estabelecida para assistência social, educacional, beneficentes, religiosas, ou outras

¹ Em decorrência dos problemas sociais devido a Guerra Civil americana (Secessão 1861/1865), fez-se necessário florescer várias fundações, exigindo considerável esforço não só do Governo, mas também dos cidadãos norte-americanos com maior poder aquisitivo.

atividades sociais, que servem para o bem comum (ANDREWS,1956, p.11).

A conceituação clássica salienta que as fundações são parte da esfera não-governamental e tem a missão de contribuir para o bem comum. Há outros tipos de organizações que compartilham dessas características, no entanto, o elemento presente na concepção de uma fundação é o fato de possuir um fundo próprio. De acordo com essa definição, este fundo principal é uma dotação inicial feita por indivíduo ou família fundadora, que através de juros ou outros rendimentos de investimento geram recursos para a fundação. Tal dotação se presume ser uma fonte segura de renda. Assim, se diferem de outros atores que são dependentes da atribuição de recursos externos, como exemplos as ONGs ou associações que são dependentes da captação de recursos por parte dos governos, indivíduos, fundações privadas e contribuições individuais dos membros.

Scott (2003) afirma que ONGs, geralmente se concentram em atividades de assistência e alívio do sofrimento humano, como ajuda destinada a comunidades que sofreram com catástrofes ambientais por exemplo. Fundações, com seus fundos permanentes, muitas vezes têm como alvo metas de desenvolvimento de longo prazo, estabelecendo longas parcerias com instituições ou indivíduos estratégicos. No entanto, ambas as instituições podem suprir certas lacunas nas prioridades governamentais, desde que atuem em parcerias com instituições estratégicas.

A fundação privada com as características que conhecemos atualmente teve sua origem com Andrew Carnegie, quando em 1898 passou a disseminar sua filosofia filantrópica através da obra "Evangelho da riqueza", na qual ressalta que doações são uma obrigação daqueles que possuem condições para disso, como meio de ajudar os menos afortunados a elevar-se a um nível maior. Carnegie colaborou financeiramente para construção de duas mil e oitocentas instituições que incluíram: bibliotecas, museus, salas de concerto, etc. Colaborou para formação de outras fundações, fez doações para instituições de ensino e construiu o famoso *Carnegie Hall* e o *Peace Palace*. Seus esforços se manifestaram em várias formas de filantropia, entre eles a *Carnegie Institute of Pittisburgh* (1896), a *Carnegie Institution of New York* (1902) e a *Carnegie Corporation of New York* (1911). Em 1910 criou a *Carnegie Endowment for International Peace*, instituição não lucrativa direcionada ao entendimento diplomático das nações, que vigora até hoje (GARDNER, 1992).

Outro importante filantropo americano foi John D. Rockefeller, que criou em 1913 a Fundação Rockefeller. Sendo criada no período da remodelação dos códigos sanitários internacionais a fundação teve como proposta implantar medidas sanitárias uniformes no continente americano (MARINHO, 2001). É considerada uma fundação filantrópica e de cunho científico, atuando prioritariamente nas áreas de educação, medicina e sanitarismo.

A filantropia de Andrew Carnegie e John D. Rockefeller, ‘os pais’ das fundações privadas de hoje, foi motivada pela crença de que os mais afortunados podem contribuir com o bem-estar público, respaldados por suas convicções religiosas e por um desejo de melhorar suas reputações públicas (SPERO, 2010). Como grandes capitalistas, estes industriais se utilizaram da mão de obra barata dos trabalhadores americanos para prosperarem financeiramente e encontraram nas fundações uma forma de retribuírem com ações para fomentar o desenvolvimento:

Mas a proliferação das fundações americanas é decorrência direta do extraordinário progresso econômico da nação americana, e, mais que isso, do fenômeno da concentração de riquezas incalculáveis em mãos de particulares, que se defrontaram com a responsabilidade de fazer a comunidade a que pertenciam participar dos frutos dessa riqueza; assim, uma extensa e valiosa rede de universidades, bibliotecas, museus, teatros, orquestras sinfônicas, hospitais, orfanatos etc. expandiu-se por toda a América do Norte e mesmo fora do país; paralelamente ao espírito público de alguns verdadeiros mecenas da época moderna, encontraram as grandes empresas industriais, na instituição fundacional, um meio de diminuição de lucros tributáveis, carreando com isso somas incalculáveis de dinheiro e bens que, ao invés de serem pagos diretamente ao estado sob forma de tributos, configuravam espécie de pagamento indireto, já que ocorria em favor da comunidade, no amparo à pesquisa e ao ensino, no financiamento das atividades culturais e manutenção de necessitados, tudo isso incentivado por legislação inteligente e realmente voltada para o bem comum (COELHO, 1978, p.13-14).

Fundações dos EUA são consideradas as mais importantes no campo da cooperação internacional para desenvolvimento, primeiramente pelo seu tamanho e experiência, pois inicialmente começaram suas atividades no âmbito nacional e

posteriormente expandiram suas atividades para outros países. Esse crescimento está relacionado a economia americana pois sendo a maior a nível mundial, apresenta mais oportunidades para acumulação de capital. Outro fator está relacionado às taxas de imposto de renda consideradas relativamente baixas, sendo também que o sistema fiscal americano incentiva ações de caridade².

Vale ressaltar que esse incentivo fiscal para doações levou ao desenvolvimento de paraísos fiscais, entre as décadas de 1950 e 1960, o que permitiu que muitos americanos ricos para preservar sua riqueza acumulada estabelecessem fundações de caridade. Como resultado, quando a economia americana se expandiu rapidamente após a Segunda Guerra Mundial, o mesmo aconteceu com o número de fundações privadas. Este crescimento atraiu a atenção do Congresso dos EUA, que de certa maneira poderia se beneficiar com a arrecadação de impostos. Havia congressistas que ressaltavam que os benefícios fiscais ajudavam essas fundações a manterem a riqueza de seus fundadores e promoviam o desenvolvimento de agendas de atuação muitas vezes elitistas, outros argumentavam sobre os perigos das ações dessas fundações para o modo de vida capitalista. Tornou-se claro a necessidade de uma legislação mais rigorosa para regulamentar as ações dessas fundações.

Assim, após a Lei de Reforma Tributária de 1969, os ativos das fundações privadas cresceram proporcionalmente ao crescimento da economia. O *boom* da década de 1980 do mercado de ações conduziu as bases de ativos de várias fundações em direção à marca dos US\$ 4 bilhões de dólares. Atualmente, fundações como a Ford, Rockefeller, *MacArthur*, *Pew*, *Robert Wood Johnson*, e outras, têm um impacto notável sobre a política americana e seu desenvolvimento. Seus programas e projetos multimilionários, por seu tamanho e visibilidade, muitas vezes ditam agendas locais e nacionais (GARDNER, 1992).

Scott (2003) afirma que subjacente a esses fatores há nos EUA uma cultura que enfatiza a realização individual, mas ao mesmo tempo incentiva o uso da riqueza em benefício da sociedade e não apenas para a construção de fortuna da família.

² Marsicano (2013) destaca que governo americano proporciona recompensas financeiras quando se trata de doações para caridade e que o respeito pelas escolhas individuais com relação a doações é também uma característica americana. O código fiscal dos EUA recompensa cidadãos que fazem doações filantrópicas com redução de impostos, mesmo quando essas instituições de caridade contradizem o governo. Um exemplo desse tipo de filantropia é um grupo de ajuda legal que fornece aconselhamento a imigrantes ilegais nos Estados Unidos.

Historicamente, as fundações têm usado a educação para reformular instituições, onde cientistas e funcionários com fortes credenciais acadêmicas constituem um importante contingente na liderança dessas fundações (LANGEMANN, 1983). Ao se concentrar na mudança das estruturas educacionais, agendas de pesquisa e currículos, as fundações têm sido capazes de catalisar a mudança institucional de longo prazo em arenas diversas como cuidados à saúde, programas de assistência social, relações de trabalho e direitos civis.

Como exemplo pode-se citar o caso da Fundação Carnegie e a publicação do Relatório Flexner, que provocou mudanças substanciais no campo da medicina dos EUA (RUEFF, 2006; KHURANA, KIMURA, FOURCADE, 2011). O ensino nas áreas de medicina, saúde pública e ciências biológicas foram fomentados também pela Fundação Rockefeller, pois seu principal objetivo era contribuir para o progresso da humanidade por meio do incentivo às ciências biomédicas, principalmente pela promoção de programas na área de educação (ARNOVE, 1982).

Pesquisadores que são críticos as atividades das fundações argumentam que interesse pela área da educação decorre da função ideológica. Para Virgínio (2012), a educação pode ser uma das forças, das técnicas ou fatores sociais propostos a atuar sobre os indivíduos desenvolvendo neles uma personalidade, essencialmente democrática que irá se manifestar ao longo de sua formação. Proporcionando a estes indivíduos certa disposição para enfrentar desafios sociais, firmeza de caráter e resistência as influências nocivas à boa e justa convivência social. Mas além de tudo, capaz de operar como agente do desenvolvimento social em favor de uma sociedade mais justa e democrática.

De acordo com este ponto de vista, as fundações, atuando nos interesses da classe dominante americana, fomentando a formação de pesquisadores e pesquisas como parte de um esforço mais amplo para racionalizar e legitimar a ordem social. As fundações têm tido um grande interesse na educação, principalmente porque é responsável pela transmissão da cultura e dos valores dominantes. É, portanto, um veículo que promove a estabilidade social e perpetuar a hierarquia de classes que asseguram a hegemonia continuada da política norte-americana (DUFOUR, 1987). Como mostra Marinho (2005):

Uma compilação de dados do NRC - *National Research Council* (EUA) realizada pelo pesquisador Robert Kohler mostra que a participação da Fundação Rockefeller e da Corporação Carnegie foram fundamentais no estabelecimento da ciência acadêmica nos EUA, entre 1916 e 1940. Segundo o autor, as duas instituições contribuíram com 97,5% dos cerca de US\$ 12 milhões recebidos pelo NRC como doações de organizações filantrópicas, recursos que foram canalizados para o financiamento da atividade científica nas universidades norte-americanas. [...] Por outro lado, a presença e atuação da FR em países da Europa, América Latina, Oriente Médio e Sudeste Asiático têm sido associadas à expansão dos interesses econômicos dos EUA por todo o planeta, sobretudo a partir do final do século passado (MARINHO, 2005, p.55).

Carnegie e Rockefeller, em particular, tinham fortes interesses internacionais. Carnegie patrocinou a criação de bibliotecas oferecendo suporte a educação na Escócia e Reino Unido. Também estabeleceu o *Carnegie Endowment* para a Paz Internacional para resolver os problemas gerados pela guerra. Rockefeller financiou trabalhos nas áreas de saúde. Desde o início ambas apoiaram pesquisa científica em ciências sociais nas universidades norte-americanas e estrangeiras (SPERO, 2010).

Promover democracias liberais no exterior também foi um tema relevante para as fundações durante a Guerra Fria. Elas ajudaram a reconstruir os sistemas democráticos no Japão e na Alemanha após Segunda Guerra Mundial e, em seguida, mudaram para o desenvolvimento de países através do treinamento de novos líderes, patrocinando ensino superior, prestando assistência técnica a novos governos, e promovendo o desenvolvimento econômico como um caminho para a democracia. Após o colapso do comunismo, fundações norte-americanas desempenharam um papel semelhante na Europa Oriental e na ex-União Soviética e, hoje, elas apoiam uma variedade de programas de democracia em antigos países comunistas e em todo o mundo em desenvolvimento. Estratégias contemporâneas das fundações para promover a democracia variam muito, em geral, há quatro temas principais para financiamento: 1) suporte para ensino superior e formação; 2) Estado de direito; 3) mídias independentes e sistemas de informação pública, 4)

fortalecimento da sociedade civil e organizações sem fins lucrativos (SPERO, 2010).

Educação recebe a maior quantidade de financiamento, com recursos significativos ao ensino superior, incluindo bolsas de estudo nos países em desenvolvimento. Por exemplo:

- *Andrew W. Mellon Foundation* oferece de bolsas de estudo para o ensino superior para indivíduos desfavorecidos na África Sul;
- Fundação Carnegie oferece bolsas de doutoramento e pós-doutoramento na área das humanidades em Gana, Nigéria, África do Sul, Tanzânia e Uganda,
- Fundação Ford fomentou o *International Fellowships Program (IFP)*³ que concede milhares de bolsas de estudo para pós-graduação em universidades em vários países para alunos de baixa renda, negros e índios (FLEISCHMAN, 2007).

O financiamento da educação contemplava fomento a universidades ou centros acadêmicos no exterior, apoio a bibliotecas, institutos de pesquisa, publicações, encontros acadêmicos e reforma institucional. As fundações Carnegie, MacArthur, Rockefeller, Ford, Hewlett, Mellon e Kresge se comprometeram com o fomento de cerca de US\$ 350 milhões de dólares para quarenta e nove universidades em nove países da África entre os anos de 2000 a 2009, destinadas ao *Partnership for Higher Education* na África (SPERO, 2010). O financiamento tem apoiado infraestrutura física e tecnológica das instituições, bem como desenvolvimento de programas de educação e pesquisa.

Contribuições das fundações privadas ao desenvolvimento dos países

³ Teve início em 2001, com o objetivo de ampliar o acesso à educação superior e apoiar a formação de uma nova geração de líderes da justiça social. Financiado com a maior concessão individual de verbas já feita pela Fundação Ford a um único programa, por dez anos, o IFP ofereceu bolsas de Pós-Graduação por até três anos para obtenção de títulos de mestre, doutor ou profissional especializado em uma ampla gama de disciplinas acadêmicas e campos interdisciplinares em qualquer país do mundo. O Programa trabalhou em parceria com organizações locais em 22 países da Ásia, África, América Latina, além da Rússia para identificar os fatores — entre os quais situação sócioeconômica, gênero, etnia, raça, casta, religião, idioma, isolamento geográfico, instabilidade política ou deficiência física — que constituem as maiores barreiras à educação superior em determinados países (FORD FOUNDATION INTERNATIONAL FELLOWSHIPS PROGRAM (IFP). Program alumni report 2006. Disponível em: < <http://blog.pucp.edu.pe/media/avatar/478.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2014.

Fundações filantrópicas fizeram importantes contribuições para o desenvolvimento dos países, particularmente na agricultura, planejamento familiar e controle de doenças infecciosas (OECD-DAC, 2003). O quadro 1 demonstra algumas dessas contribuições.

Quadro 1 - Contribuições das fundações ao desenvolvimento

Área	Fundação	Contribuições
Revolução verde	Fundação Rockefeller Fundação Ford	As pesquisas financiadas proporcionaram o desenvolvimento de variedades de cereais, técnicas agrícolas, melhorias de fertilizantes e mudanças graduais na infraestrutura de plantio. Contribuiu para que os agricultores praticamente dobrassem sua produção do cereal em apenas cinco anos. O trabalho ajudou países em desenvolvimento a se tornarem autossuficientes na produção de grãos, rompendo um ciclo histórico de baixa produtividade e dependência extrema de chuva. Entre 1960 e 1960 a produção de alimentos per capita aumentou 20% e a proporção da população nos países têm acesso inadequado aos alimentos foi reduzido.
Estudos populacionais	Fundações Ford	Década de 1930, financiou várias universidades para desenvolver estudos populacionais.
	Milbank Memorial Fund	Em 1936, doou US\$ 250.000 para a Universidade de Princeton para estabelecer um Office of Population Research a nível mundial.
	Carnegie Corporation	Na década de 1930, financiou a International Union for the Scientific Study of Population.
	Fundação Rockefeller	Financiou o National Research Council's Committee for Research in Problems of Sex. Em 1941, apoiou a criação da International Planned Parenthood Federation. Em 1952, criou o Population Council que realizava estudos sobre demografia e fisiologia reprodutiva. Na década de 1950, com a invenção da pílula anticoncepcional pela Worcester Foundation for Experimental Biology, a Rockefeller através do Poppulation Council financiou mais de quarenta estudos cujos resultados demonstraram a segurança dos dispositivos intra-uterinos (DIU).
	Hewlett, MacArthur, and Packard Foundations	Atualmente financiam estudos populacionais
Controle de doenças infecciosas	Fundação Rockefeller	Na década de 1910 patrocinou estudos de combate a Ancilostomíase nos Estados Unidos e em outros 50 países. Em 1940, no Brasil financiou o uso de pesticidas para exterminar o mosquito transmissor da Malária, procedendo da mesma maneira entre 1944-1946 no Egito. Também foi pioneira no uso de DDT (sigla de diclorodifeniltricloroetano) no México no final de 1940 e início dos anos 1950. Contribuiu com estudos voltados ao combate da Febre Amarela.
	Bill & Melinda Gates Foundation	Recentemente doou cerca de \$ 18 milhões de dólares para Instituto Sabin desenvolver uma vacine contra a Ancilostomíase.

Nuffield Foundation
e Wellcome Trust

Financiaram programas de pesquisa médica e tratamento da Malária.

Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da OECD-DAC (2003)

No que se refere à Revolução Verde, as discussões se iniciaram em 1941, quando o vice-presidente dos EUA Henry Wallace alertou o presidente da Fundação Rockefeller sobre os graves problemas de nutrição e agricultura no México e sugeriu que a fundação apoiasse projetos para melhoria no rendimento das culturas, para aumentar a produção agrícola no mundo por meio do 'melhoramento genético' de sementes, uso intensivo de insumos industriais, mecanização e redução do custo de manejo.

Em 1943, a Fundação Rockefeller e o Departamento da Agricultura do México assinaram um acordo de cooperação para o desenvolvimento de um programa de modernização da agricultura mexicana. Nos anos seguintes, a Rockefeller e cientistas mexicanos desenvolveram novas variedades de alto rendimento de milho, trigo e outras culturas; conceberam novos métodos de cultivo, incluindo a uso de fertilizantes, inseticidas e irrigação. Houve também melhoramento das sementes e das práticas da atuação de agrônomos e outros profissionais que trabalham no campo (FOSDICK, 1952).

A Fundação Rockefeller, o Conselho para Desenvolvimento da Agricultura de John D. Rockefeller III e a FF juntaram esforços em 1960 para criar o Instituto Internacional de Investigação do Arroz (IIIR) em *Los Baños*, nas Filipinas. Em 1971, o IIIR em conjunto com o seu Centro Internacional de Melhoramento do Milho e do Trigo, com sede no México, e com mais outros dois centros internacionais de investigação criados pelas Fundações Rockefeller e Ford.

O Instituto Internacional para a Agricultura Tropical (IITA), na Nigéria, e o IIIR para o arroz, nas Filipinas, aliam-se para formar um único Grupo Consultivo para Investigação Agrícola Internacional (*Consultative Group on International Agriculture Research - CGIAR*) (ENGDAHL, 2007). Essas fundações tornaram-se parcerias da Revolução Verde, contribuindo para a expansão desse modelo em várias regiões do mundo. Elas financiaram pesquisa, desenvolvimento e implementação de novas sementes, irrigação e pesticidas, contribuindo para o aumento da produção agrícola na Ásia e América Latina.

Schindler (2007) ressalta que as fundações também se envolveram em programas de estudos populacionais nos países em desenvolvimento, principalmente em questões que os governos hesitam em financiar. Os estudos iniciais sobre a população cresceram a partir da atuação da Fundação Rockefeller nas áreas de saúde pública e medicina, bem como o seu apoio às ciências sociais e estudos populacionais. Estudos patrocinados pela Rockefeller tinham a preocupação em resolver as questões sobre o rápido crescimento da população nos países em desenvolvimento, mas a fundação inicialmente hesitou em assumir essa questão, que na época era um tema delicado para se abordar.

Assim, em 1952, John D. Rockefeller III e a FF forneceram financiamento inicial para o *Population Council*, que por sua vez apoiou a investigação, treinamento e assistência técnica mundial sobre métodos, políticas e estudos sobre a população. O *Population Council* passou a financiar bolsas de estudo e de formação para demógrafos, estabelecer centros regionais de investigação científica, e fornecer assistência técnica sobre problemas populacionais para as organizações internacionais e governos em todo o mundo em desenvolvimento.

No Brasil, a relevância da doação da FF para criação do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) em 1969, foi relevante pois o centro abrigou parte do núcleo original do Centro de Estudos da Dinâmica Populacional (CEDIP), anexo ao Departamento de Estatística Aplicada da Faculdade de Saúde Pública da USP (MARTINE, 2005).

Outra instituição de relevância nos estudos populacionais que recebeu apoio da FF foi o Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR), da Universidade Federal de Minas Gerais, pois nos “primeiros anos de existência, [do CEDIP] instituições como BNDES, IPEA, Fundação Ford, USAID, USP, *Institute of Social Studies de Haia* tiveram importância decisiva na formação dos quadros acadêmico e administrativo, seja por meio de apoio técnico-científico, seja por meio de financiamentos de suas atividades” (CEDEPLAR, 2014).

Martine (2005) ressalta que o doador internacional com mais influência nos estudos populacionais no Brasil, ao longo do tempo, tem sido a FF. A fundação buscou fortalecer a capacidade nacional para analisar as questões demográficas brasileiras. Teve um papel importante no desenvolvimento do ensino acadêmico da demografia. Financiou a publicação da Revista Brasileira de Estudos Populacionais

(REBEP), fundada em 1982 (e cujo primeiro número apareceu em 1984). A FF beneficiou a Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) com um *endowment* de valor equivalente ao dobro da contraparte brasileira. Cabe ressaltar, que esse fundo permitiu à Associação gerar uma renda pequena, mas estável, para financiar parte de suas atividades. Com mais esta iniciativa, a FF pretendia dar à ABEP uma base financeira suficiente para poder enfrentar seus compromissos técnico-administrativos.

O controle de natalidade e planejamento familiar, também fazem parte dos estudos populacionais, e nota-se que várias fundações desempenharam um papel importante no desenvolvimento de pesquisa sobre métodos contraceptivos e políticas de planejamento familiar.

Outra área que tem emergido como importante desafio global e de interesse das fundações, é em relação aos problemas de saúde. O acesso à saúde ainda é limitado ou inexistente para a maioria das pessoas em países em desenvolvimento, enquanto a pesquisa e desenvolvimento de tratamentos para as doenças do mundo em desenvolvimento têm sido insuficientes.

No final do século XX, os governos e organizações internacionais tornaram-se cada vez mais conscientes que a saúde nos países em desenvolvimento é um problema a ser resolvido ou pelo menos amenizado. Com a rápida propagação do HIV/AIDS e outras epidemias, como a Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS), países desenvolvidos reconheceram sua vulnerabilidade para a propagação de doenças infecciosas doenças originárias no desenvolvimento das nações. Como o HIV/AIDS, a malária, tuberculose e outras doenças enfraquecem os governos e o desenvolvimento das sociedades, dirigentes da política externa acreditam que as disparidades de saúde são um impedimento para o desenvolvimento econômico e uma ameaça à segurança mundial.

As fundações foram pioneiras no apoio a saúde mundial. Na primeira parte do século XX, as Fundações Rockefeller e Carnegie colaboraram para melhoria da educação e pesquisa médica, apoiando programas de saúde pública nos EUA e em outros países. Após a Segunda Guerra Mundial, quando o setor público começou a assumir a responsabilidade sobre a saúde pública, as fundações recuaram com o financiamento de programas na área da medicina. Atualmente, a saúde tornou-se a

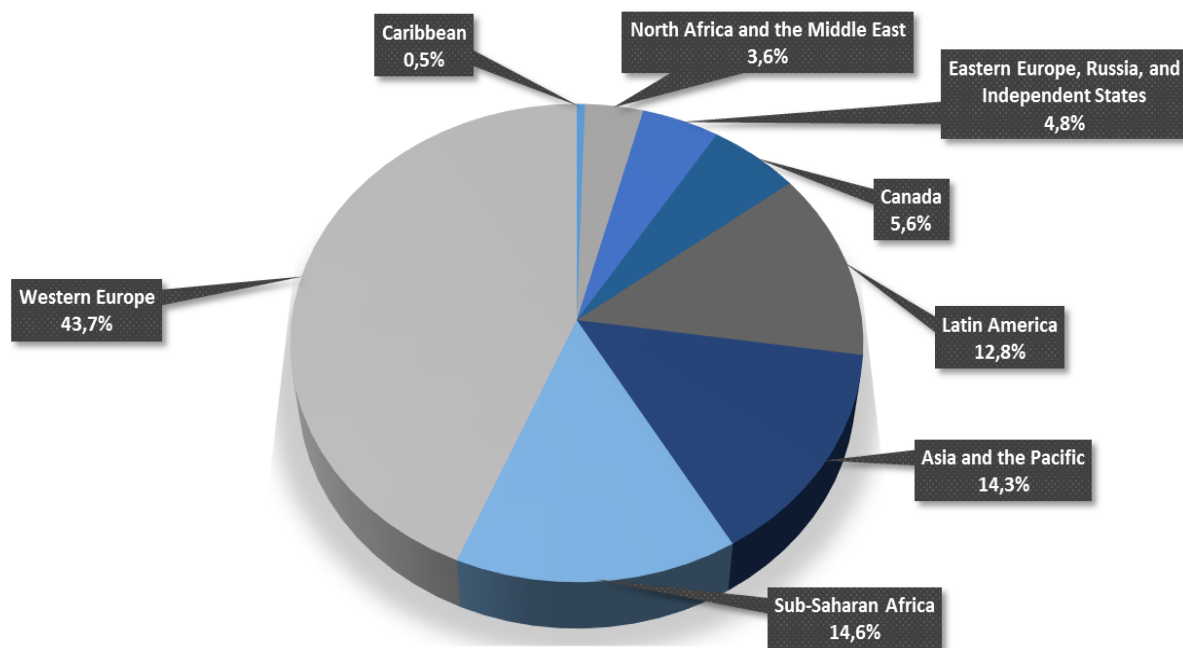
maior categoria de financiamento internacional por fundações norte-americanas, o que representou 39% das doações internacionais em 2008 (SPERO, 2010).

Assim, as fundações, assumiram papel importante no desenvolvimento dos países, no entanto estas atuações foram e são integradas com as capacidades locais presentes em cada país.

Características atuais da atuação das fundações

O aumento da doação internacional das fundações americanas é um fenômeno relativamente recente. Apesar da atuação internacional mais intensa de algumas fundações como Rockefeller, Ford, Carnegie e *Milbank Memorial Fund*, até a década de 1980 as doações internacionais eram apenas 5% do total das doações. Durante a década de 1990 essa estimativa mais do que duplicou, passando para 11% do total de doações.

Gráfico 1 - Percentual de doações internacional das fundações americanas por regiões
Fonte: Elaboração da autora com base nos dados da OCDE-DAC (2003)



Na análise do percentual de doações internacional das fundações americanas por regiões, verifica-se que até 2003, 43,7% das doações são para países do Oeste Europeu. No entanto, grande parte desse financiamento apoia programas no mundo em desenvolvimento. Por exemplo, *Bill and Melinda Gates Foundation* concedeu US \$ 210 milhões de dólares em 2000 para *Gates Cambridge Trust*, na

Inglaterra, para que essa pudesse investir em um programa de bolsas para alunos de países em desenvolvimento. Essas bolsas de estudos estão disponíveis para alunos estrangeiros que desejam fazer uma pós-graduação em tempo integral em qualquer curso oferecido pela Universidade de Cambridge. As bolsas são concedidas levando-se em consideração a capacidade intelectual, potencial de liderança e o compromisso social (UNIVERSITY OF CAMBRIDGE, 2013).

O volume de doações destinado ao Oeste Europeu também pode ser associado às doações ao *Global Fund to Fight AIDS, Tuberculosis and Malaria* com sede em Genebra, na Suíça. O fundo foi criado em 2002 para aumentar os recursos para a luta contra as três pandemias, sendo constituído por contribuições dos governos e agências de cooperação internacional, é o maior financiador mundial de programas de combate a AIDS, tuberculose e malária e, ao final de 2010 aprovou o financiamento de US\$ 21,7 bilhões de dólares para apoiar 600 programas em 150 países. A organização declara que financiou a distribuição de 160 milhões de mosquiteiros para combater a malária, forneceu tratamento antituberculose para 7,7 milhões de pessoas, e tratamento para AIDS para cerca de três milhões de pessoas, salvando 6,5 milhões de vidas (GLOBAL FUND, 2014)⁴.

As fundações americanas são as que mobilizam maior quantidade de recursos para a América Latina e as que possuem maior representação na quantidade total de organizações. A modalidade de doação que utilizam principalmente é a designação de *grants*⁵ a entidades da região, sendo a FF a que mais se destaca, concedendo quase US\$ 59 milhões de dólares em *grants* em 2010 (FUNDAÇÃO AVINA, 2011).

Em relação aos seus ativos⁶ de mercado, as maiores fundações também são a norte-americanas, com base nos dados contábeis auditadas mais recentes no banco de dados da *Foundation Center* (2013) até 07 de setembro de 2013. Destaca-se na tabela 1 as maiores fundações americanas com base em seus ativos.

⁴ A Organização Mundial da Saúde (OMS), subordinada à Organização das Nações Unidas (ONU), com sede em Genebra, na Suíça, pode ser também associada ao alto percentual destinado a essa região da Europa. As regiões da África, Ásia e América Latina recebem aproximadamente o mesmo percentual de financiamento internacional por fundações norte-americanas, embora o percentual destinado a América Latina seja menor, cerca de 12,8% do total.

⁵ Grants: refere-se a uma quantia de dinheiro que um governo ou outra instituição oferece a uma pessoa ou a uma organização para um propósito particular, como melhorias na educação ou no lar (FUNDAÇÃO AVINA, 2011)

⁶ Os ativos estão representados por todos os bens e direitos que essas fundações possuem e que possuem valores monetários.

Tabela 1 – Maiores Fundações Americanas com base em seus ativos

Posição	Nome / (Estado)	Ativos (em bilhões)	Ano de criação	Data de término (ano fiscal)
01	Bill & Melinda Gates Foundation (WA)	US\$ 34,6	1994	31/12/2011
02	Ford Foundation (NY)	US\$ 11,0	1936	30/09/2012
03	J. Paul Getty Trust(CA)	US\$ 10,5	1948	30/06/2012
04	Robert Wood Johnson Foundation(NJ)	US\$ 9,0	1936	31/12/2011
05	William and Flora Hewlett Foundation (CA)	US\$ 7,7	1967	31/12/2012
06	Lilly Endowment Inc.(IN)	US\$ 7,3	1937	31/12/2012
07	W. K. Kellogg Foundation (MI)	US\$ 7,3	1930	31/08/2012
08	David and Lucile Packard Foundation(CA)	US\$ 5,8	1964	31/12/2011
09	John D. and Catherine T. MacArthur Foundation (IL)	US\$ 5,7	1978	31/12/2011
10	Gordon and Betty Moore Foundation(CA)	US\$ 5,4	2000	31/12/2011
11	Andrew W. Mellon Foundation(NY)	US\$ 5,3	1969	31/12/2011
12	Leona M. and Harry B. Helmsley Charitable Trust (NY)	US\$ 4,1	2008	31/03/2012
13	Tulsa Community Foundation (OK)	US\$ 3,8	1998	31/12/2011
14	California Endowment (CA)	US\$ 3,7	1996	31/03/2012
15	Rockefeller Foundation (NY)	US\$ 3,5	1913	31/12/2011

Fonte: Adaptado de Top 100 U.S. Foundations by Asset Size⁷.

Nota-se que em relação aos ativos a FF aparece na segunda posição possuindo US\$ 11 bilhões de dólares em bens e direitos. Financiamento internacional pelo conjunto completo de mais de 1.300 fundações totalizaram US\$ 4,3 bilhões em 2010, uma queda de US\$ 6,3 bilhões em relação 2008. O apoio internacional diminuiu de 24,4% para 21% de total doação. (Excluindo a Fundação Bill & Melinda Gates, que a diminuição foi de 15,5% em 2010 e 14,1% em 2008). Em relação ao número de bolsas acadêmicas, no entanto, doação internacional permaneceu praticamente inalterada em 9,1% (FOUNDATION CENTER, 2012).

O quadro 2 demonstra os principais focos de atuação de algumas fundações privadas americanas que atuam internacionalmente.

⁷ Disponível em: <<http://foundationcenter.org/findfunders/topfunders/top100assets.html>>. Acesso em: 17 set. 2013.

Quadro 2 – Focos de atuação das fundações privadas americanas

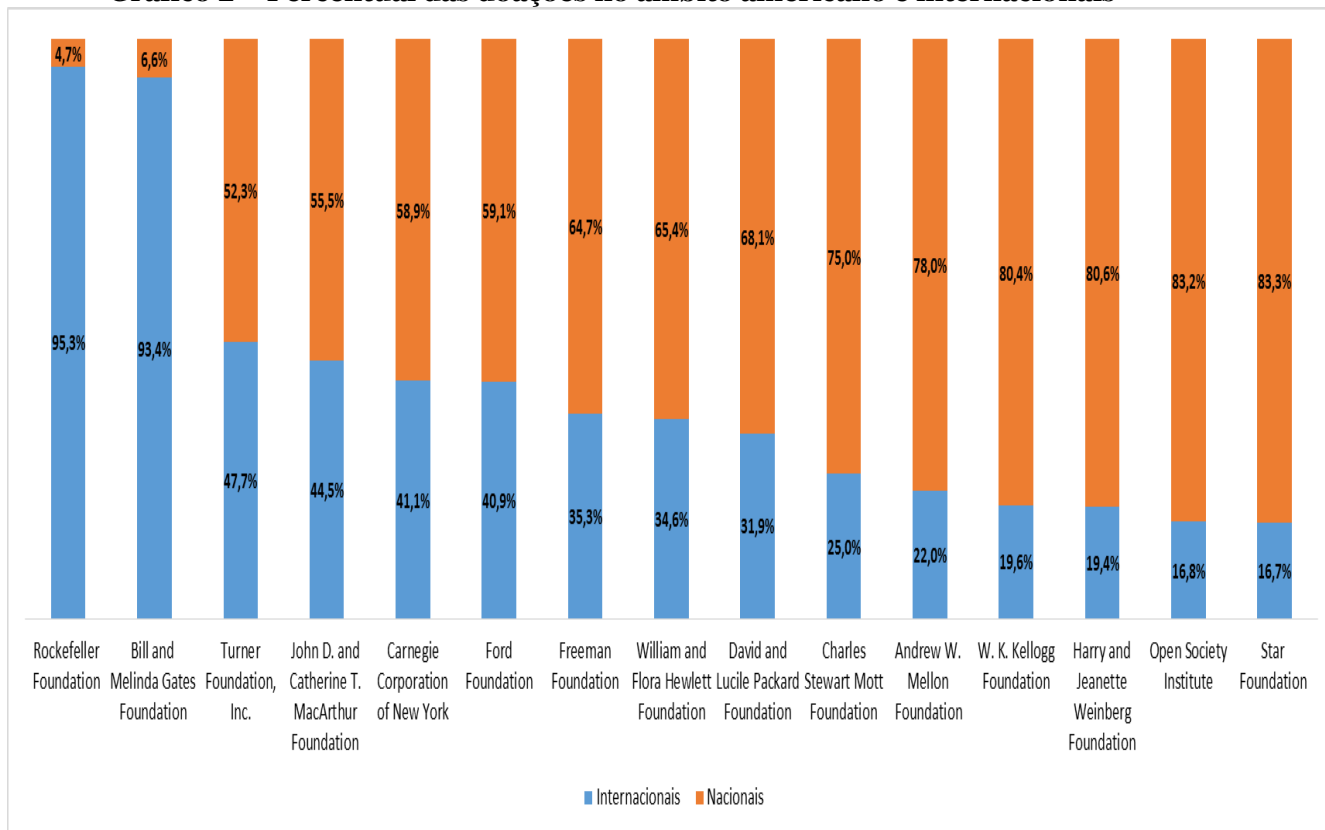
Fundação	Ano de criação	Foco	Atuação internacional
Carnegie Corporation	1911	Promoção de novas tecnologias em países em desenvolvimento	Todas as regiões
Rockefeller Foundation	1913	Segurança alimentar, equidade na saúde e inclusão social	África, Ásia e América Latina
Charles Stewart Mott Foundation	1926	Sociedade civil, fortalecimento de organizações sem fins lucrativos, cidadania e relações de raça e etnia	Malásia
W. K. Kellogg Foundation	1930	Desenvolvimento de jovens	África do Sul e América Latina
Ford Foundation	1936	Desenvolvimento comunitário, a paz e a justiça social e programa de formação internacional	Todas as regiões
David and Lucile Packard Foundation	1964	Preservação ambiental e controle populacional	Etiópia, Índia, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas e Sudão
William and Flora Hewlett Foundation	1966	Resolução de conflitos, controle populacional e as relações EUA -América Latina	América Latina
Andrew W. Mellon Foundation	1969	Artes, Meio ambiente, Recursos naturais, Ensino superior	África do Sul
John D. and Catherine T. MacArthur Foundation	1978	Segurança global e sustentabilidade, controle populacional, direitos humanos e governança	Rússia, Nigéria e México
Open Society Institute	1993	Direitos humanos, democracia	Europa Oriental, Sudeste Asiático e África
Bill and Melinda Gates Foundation	1997	Saúde, combater a AIDS, Tuberculose e Malária	Índia e África

Fonte: Elaboração da autora baseado na OECD-DAC (2003)

Muitas fundações americanas desde as mais antigas como Carnegie, Rockefeller, Charles Stewart Mott, Kellogg e FF, até as mais recentes como a *Bill and Melinda Gates Foundation*, possuem a preocupação em atuar em países em desenvolvimento, cujos recursos para financiamento são considerados mais escassos.

No entanto, o foco principal de atuação é destinado ao apoio dentro dos EUA. Como mostra o gráfico 2 com a comparação do percentual das doações no nível nacional e internacional.

Gráfico 2 – Percentual das doações no âmbito americano e internacionais



Fonte: Elaboração da autora baseado na OECD-DAC (2003)

A Fundação Rockefeller dos US\$ 127 milhões de dólares doados em 2000, cerca de US\$ 121 milhões de dólares foram destinados a doações internacionais, sendo assim a fundação americana que mais investe seus recursos no exterior. A *Bill and Melinda Gates Foundation* também destina a maioria de seus recursos para o exterior, sendo que dos US\$ 995 milhões de dólares, 93,4% desse montante é destinado a outros países.

No que se refere ao total de doações ao EUA em comparação as doações internacionais (em milhões de dólares) no ano de 2000 (Tabela 2), a FF foi a segunda maior doadora, doando cerca de US\$ 829 milhões de dólares para instituições americanas, no entanto, no que se refere a doação internacional, ela destina US\$ 339 milhões de dólares, representando 40,9% de doação internacional, ou seja, seus esforços são destinados principalmente para o desenvolvimento de projetos nos EUA, porém as instituições americanas que são donatárias da FF, podem apoiar ações em outros países.

Tabela 2 - Total de doações e doações internacionais (em milhões de dólares) no ano de 2000

Fundação	Total de doações	Doações Internacionais
Bill and Melinda Gates Foundation	995	929
Ford Foundation	829	339
David and Lucile Packard Foundation	429	137
Star Foundation	246	41
Andrew W. Mellon Foundation	182	40
W. K. Kellogg Foundation	179	35
John D. and Catherine T. MacArthur Foundation	164	73
Open Society Institute	155	26
Charles Stewart Mott Foundation	140	35
William and Flora Hewlett Foundation	136	47
Rockefeller Foundation	127	121
Harry and Jeanette Weinberg Foundation	103	20
Freeman Foundation	68	24
Carnegie Corporation of New York	56	23
Turner Foundation, Inc.	44	21

Fonte: Elaboração da autora baseado na OECD-DAC (2003).

Lundsgaarde et. al. (2012) ressalta que as fundações podem estar alinhadas com estratégias nacionais de desenvolvimento, existindo casos em que as fundações privadas consideram seu trabalho como estreitamente alinhados às prioridades governamentais em nível nacional e há casos em que as fundações operam independentemente das estruturas governamentais de desenvolvimento, refletindo a grande diversidade de atuação dentro do setor de fundação.

Budani, Luft e Ollari (2012) afirmam que nos últimos anos, os recursos relacionados a cooperação internacional destinados a América Latina, tem deixado de ser uma prioridade para as fundações, pois avaliam que o problema do desenvolvimento na região não está relacionado à falta de recursos, mas sim a má distribuição dos mesmos. Outro fator relacionado ao direcionamento do financiamento das fundações a outras regiões, pode estar relacionado ao terremoto sofrido pelo Haiti no início de 2010, que focalizou a ajuda internacional para reconstrução do país, atenuando a mudança de prioridade de cooperação.

ANO	países MENOS DESENVOLVIDOS	Outros países BAIXA RENDA (INB per cápita us\$ 826-us\$3 255 < us\$ 825 em 2004)	Países e territórios RENDA MÉDIA BAIXA (per cápita INB us\$826-us\$3 255 em 2004)	Países e territórios RENDA MÉDIA ALTA (per cápita INB us\$3 256-us\$ 10 065 em 2004)
2007	• HAITI	• NICARAGUA	<ul style="list-style-type: none"> • COLÔMBIA • PERU • PARAGUAI • BRASIL • GUATEMALA • BOLÍVIA • EQUADOR • EL SALVADOR • HONDURAS 	<ul style="list-style-type: none"> • ARGENTINA • MÉXICO • COSTA RICA • URUGUAI • VENEZUELA
2008	• HAITI		<ul style="list-style-type: none"> • NICARAGUA • PARAGUAI • COLÔMBIA • PERU • GUATEMALA • BOLÍVIA • EQUADOR • EL SALVADOR • HONDURAS 	<ul style="list-style-type: none"> • BRASIL • ARGENTINA • MÉXICO • COSTA RICA • URUGUAI • VENEZUELA
2009-2010	• HAITI		<ul style="list-style-type: none"> • NICARAGUA • PARAGUAI • COLÔMBIA • PERU • GUATEMALA • BOLÍVIA • EQUADOR • EL SALVADOR • HONDURAS 	<ul style="list-style-type: none"> • BRASIL • ARGENTINA • MÉXICO • COSTA RICA • URUGUAI • VENEZUELA

Figura 1 – Prioridades da cooperação internacional na América Latina

Fonte: Elaboração de Budani, Luft e Ollari (2012) a partir de dados do DAC. Lista de beneficiários da *Official Development Assistance* (ODA 2007- 2010).

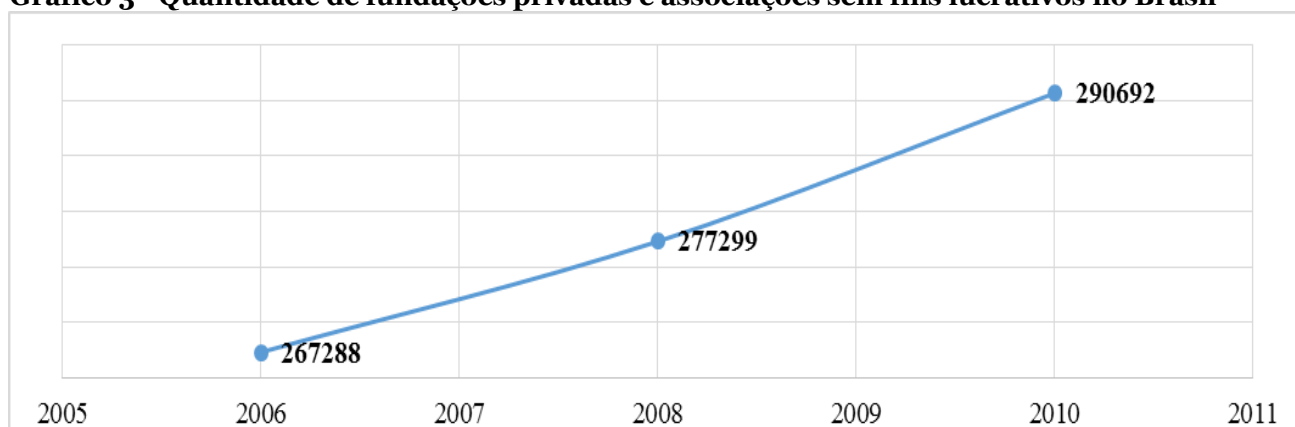
Ao se observar a Figura 2 sobre as prioridades da cooperação internacional na América Latina, nota-se que o Brasil em 2007 era considerado como um país de renda *per capita* baixa, tornando-se a partir de 2008 um país considerado de classe média. A Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) da Presidência da República divulgou em agosto de 2003, que a renda *per capita* das famílias brasileiras aumentou 3% ao ano, em uma década (2001 a 2011), passando de R\$ 591 para R\$ 783 (BRASIL, 2013).

A realidade dos investimentos e da atuação das organizações internacionais no campo social brasileiro tem apresentado uma aparente tendência, já há alguns anos, de retirada ou diminuição do aporte de recursos ao Brasil e de mudança de prioridades de temáticas e regiões, impactando de diferentes formas o cenário social brasileiro junto a suas organizações sociais.

Preocupados com essa questão Vargas e Ferreira (2010) realizaram uma pesquisa sobre a conjuntura dos investimentos das agências de cooperação internacional no campo social brasileiro no período de 2008-2010 e confirmaram essa constatação. Os autores relatam que os principais motivos apresentados para a diminuição ou retirada de investimentos do Brasil estão relacionados a crise econômica 2008-2009, a mudança de prioridade de regiões do globo

(apresentando-se com maior frequência de priorização o continente Africano) e a mudança de estratégia da organização. Outra questão levantada pelos pesquisadores, foi o fato que cerca de 15% das organizações que participaram da pesquisa preveem a retirada completa dos investimentos do Brasil até 2015, apresentando como motivos, além dos já citados, o alto desenvolvimento socioeconômico brasileiro somado à crescente capacidade de captação de recursos internos, pois conforme demonstra-se no gráfico 3, houve um crescimento das fundações privadas sem fins lucrativos brasileiras.

Gráfico 3 - Quantidade de fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil

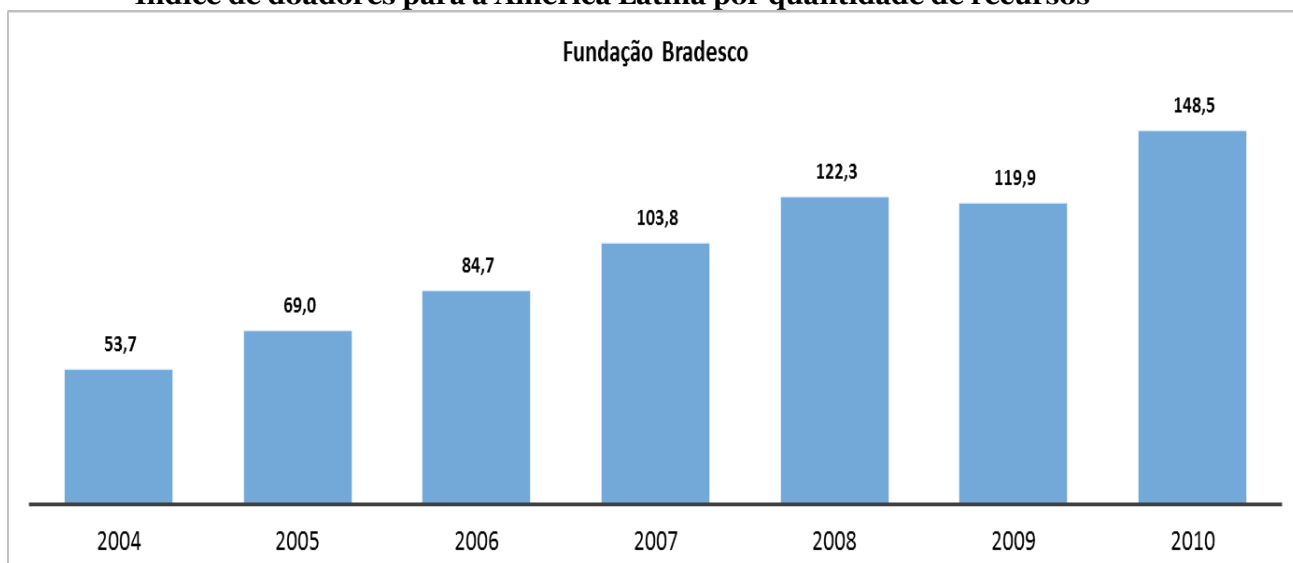


Fonte: Elaboração da autora baseada nas informações do IBGE, Diretoria de Pesquisas, Cadastro Central de empresas (2006-2010)

De acordo com os dados do IBGE (2012), existiam oficialmente no Brasil, em 2010, 290,7 mil fundações privadas e associações sem fins lucrativos (FASFIL), que compunham o Cadastro Central de Empresas (CEMPRE), do IBGE. O crescimento recente das FASFIL da ordem de 8,8%, de 2006 a 2010, quando passaram de 267,3 mil para 290,7 mil entidades no período de 2006 a 2010.

Ao se observar os principais mobilizadores de recursos na América Latina, identificou-se que a principal fundação privada brasileira é a Fundação Bradesco.

Gráfico 4 - Principal fundação privada brasileira mobilizadora de recursos segundo o Índice de doadores para a América Latina por quantidade de recursos



Fonte: Elaboração da autora baseando-se nos dados da Fundação Avina (2011)

A Fundação Bradesco desde 1956 possui como propósito atuar na formação cidadã e inclusão social, no fomento à projetos de educação de qualidade (FUNDAÇÃO BRADESCO, 2013). De acordo com a Fundação Avina (2011), no período de 2004-2010, esta fundação destinou US\$ 701.913.662 milhões de dólares, sendo que nos últimos 10 anos, aplicou em educação recursos equivalentes a R\$ 4,012 bilhões de reais, destinados à educação básica, educação profissional técnica, educação de jovens e adultos e programas de formação inicial e continuada (Gráfico 4).

Nota-se que as fundações brasileiras estão buscando identificar e mobilizar diferentes atores sociais na busca por soluções efetivas para fomentar o desenvolvimento do país. Além da Fundação Bradesco, pode-se mencionar a atuação do Instituto Israelita de Responsabilidade Social Albert Einstein (IIRSAE), Cemig, Petrobrás, Instituto Gerdau, Samarco e Instituto Ayrton Senna, que de acordo com o *Latin America Donor Index* de 2010 estão entre os 10 principais mobilizadores de recursos brasileiros na América Latina. As fontes de informações sobre a atuação dessas organizações são importantes para os pesquisadores do tema, logo, destaca-se a seguir alguns recursos para o monitoramento das fundações privadas.

Fontes de informação sobre a atuação das fundações privadas

O discurso sobre o papel das fundações privadas e outros filantropos privados no desenvolvimento internacional sugere que as fundações gastam altos valores para as atividades de desenvolvimento e são importantes atores no campo da cooperação internacional (BRAINARD; LAFLEUR 2008; HUDSON INSTITUTE, 2010). Ao longo das últimas décadas, as fundações privadas ainda têm atraído um interesse crescente dos donatários tradicionais, tais como órgãos do governo, universidades e ONGs, não só porque elas podem contribuir com recursos adicionais para os esforços globais de desenvolvimento, mas também porque podem apoiar novas abordagens na prestação de assistência (NELSON, 2008).

A respeito disso, a discussão sobre o papel das fundações privadas no desenvolvimento tem fomentado debates sobre o papel desses atores como prestadores de ajuda ao desenvolvimento. No âmbito internacional existem organizações que coletam dados sobre fundações privadas e sua escala de envolvimento na cooperação para o desenvolvimento, dentre elas podemos citar a *Development Assistance Committee da Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD-DAC)*, a *Foundation Center* e a *Hudson Institute*. Uma das principais publicações é a *'Philanthropic Foundations and Development Co-operation'* publicado pela OCDE-CAD em 2003, um importante ponto de referência para uma variedade de instituições e acadêmicos internacionais.

Fundada em 1956, a *Foundation Center* é a principal fonte de informações sobre a filantropia no mundo. O centro mantém bancos de dados abrangentes sobre as doações dos EUA, incluindo também outros financiadores globais. Esses bancos incluem informações sobre os subsídios disponibilizados, regiões e áreas de atuação, além de realizar pesquisas e oferecer treinamentos destinados a promoção do conhecimento sobre filantropia em todos os níveis.

Outra organização é o *Hudson Institute* fundado em 1961 pelo estrategista Herman Kahn. O instituto realiza estudos interdisciplinares nas áreas de defesa, relações internacionais, economia, saúde, tecnologia, cultura e direito. O *Hudson Institute* visa orientar os formuladores de políticas públicas e líderes globais no governo e negócios através de um programa de publicações, conferências e sessões de informação e recomendações políticas. A partir de 2006, passou a publicar

anualmente *Index of Global Philanthropy and Remittances* aumentando a visibilidade do tema. Um dos principais objetivos do instituto é documentar os fluxos financeiros de ajuda privada, com uma ênfase principalmente nas doações privadas americanas (HUDSON INSTITUTE, 2010).

Na América Latina existem instituições responsáveis pela disseminação de indicadores sobre a cooperação internacional, como é o caso do ‘Índice de Doadores para a América Latina’, elaborado pela *Fundación Avina*. Esse banco de dados fornece informações sobre doações provenientes dos EUA, da Europa e de países da própria América Latina e do Caribe. Essas informações incluem dados sobre doadores privados, tais como fundações e programas corporativos de investimento social, organizações não governamentais internacionais, agências de cooperação internacional e entidades sem fins lucrativos locais com programas de captação de recursos (FUNDACÃO AVINA, 2009).

No Brasil destaca-se a publicação ‘As Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil – 2010’ publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em parceria com a Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (ABONG) e o Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE). Esse estudo traz análises sobre as organizações da sociedade civil organizada no Brasil, com base nos dados do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE), do IBGE. Os critérios para definição de uma entidade sem fins lucrativos podem ser observados na figura 3.

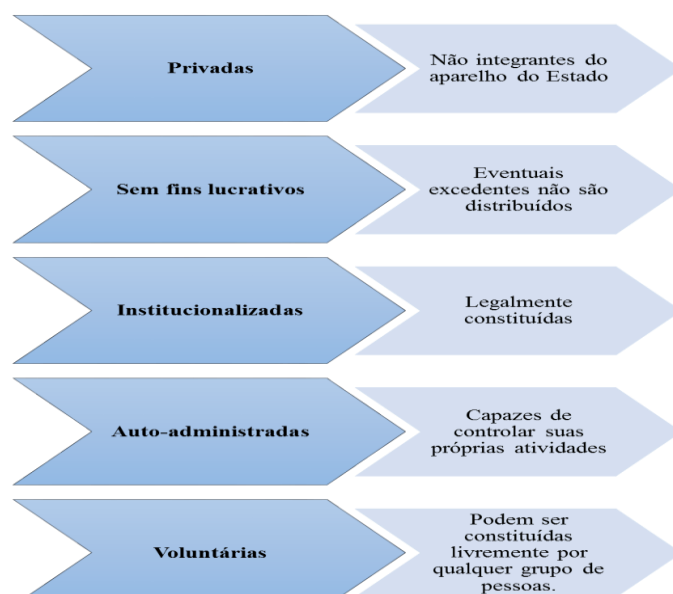


Figura 2 – Critérios para definição de Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos

Fonte: Elaboração da autora baseada nas informações do IBGE (2010)

Esses critérios foram definidos a partir das orientações do *Handbook of Nonprofit Institutions in the System of National Accounts* elaborado pela Divisão de Estatísticas das Nações Unidas em conjunto com a *Johns Hopkins University* (CUNHA; CABRAL, 2009). Essas organizações tanto contribuem com os donatários como os doadores, pois de um lado fornecem dados para aqueles que buscam parceiros potenciais para financiar seus projetos, e de outro contribuem com as doadoras na identificação de possíveis aliados mediante informações sobre outras organizações doadoras no mesmo campo de interesse.

Lundsgaarde (2012) ao analisar a literatura sobre fundações privadas, ressalta que as fundações podem ser potenciais parceiros de cooperação para o desenvolvimento, no entanto, há necessidade de se elaborar abordagens teóricas sobre o engajamento das fundações com os países em desenvolvimento, pois são consideradas como atores importantes na cooperação para o desenvolvimento no âmbito nacional e internacional, mas o conhecimento real sobre a prestação de assistência é bastante limitado.

Algumas instituições têm reconhecido essa falta de conhecimento sistemático e em 2012 levaram novas propostas de abordagem no *Development Cooperation Forum 2012*. Como exemplo, pode-se citar que a ONU encomendou um estudo sobre filantropia privada e o papel das fundações no desenvolvimento (ECOSOC, 2012).

Ao mesmo tempo, a *British House of Commons* publicou um relatório sobre os desafios e oportunidades que as fundações privadas podem apresentar para o *United Kingdom's Department for International Development* (DFID) e outros prestadores de ajuda. Considerando fundações como jogadores cada vez mais importantes no desenvolvimento internacional, o relatório observou que as fundações possuem potencial para contribuir com o desenvolvimento através da inovação, mas na prática esse potencial não é totalmente aproveitado. O relatório também encorajou os gestores públicos a promoverem ações para envolver fundações privadas no diálogo sobre questões do desenvolvimento mundial (HOUSE OF COMMONS 2012).

Existe uma variedade de contribuições das fundações para o desenvolvimento, que vão desde a ajuda no desenvolvimento de estratégias econômicas, por meio de projetos de desenvolvimento em praticamente todos os

campos sociais e econômicos, bolsas de estudo individuais e subsídios para desenvolver a capacidade humana e preservar o patrimônio cultural e material.

Nesse contexto, pretende-se analisar o papel dessas agências de cooperação internacional com um olhar crítico, pois a atuação dessas não pode ser vista como neutra, desinteressada ou apolítica. Huntington (1970), Milani; Loureiro (2013) afirmam que os principais benefícios para o país de origem dessas agências, nesse caso os EUA, estariam relacionados ao acesso a insumos estratégicos (minério, produtos agrícolas etc.), a obtenção de votos favoráveis no sistema multilateral, a contenção de inimigos ideológicos (a exemplo do comunismo durante a Guerra Fria), a promoção de interesses ligados ao comércio exterior e investimentos, a venda de excedentes de commodities, bem como a imposição de modelos de políticas públicas (ajuste econômico, liberalização do comércio exterior etc.).

A seguir se apresenta uma análise de cunho teórico sobre as principais críticas em relação atuação das agências privadas de cooperação internacional.

Crítica a ação das agências privadas de cooperação internacional

A ideia de usar vastas fortunas privadas para fins públicos não foi sem controvérsia. Desde os primeiros dias, os críticos têm fomentado o debate sobre os motivos, influência e responsabilidade das fundações privadas. Alguns afirmaram que as fundações eram ferramentas do capitalismo ou veículos de socialismo. Assim o Congresso Americano aprovou leis para regular o financiamento dessas fundações e aumentar sua transparência financeira. As fundações tornaram-se legítimas e amplamente aceitas na cultura, política e direito dos EUA (SPERO, 2010).

O papel do financiamento privado para o desenvolvimento da C&T vem ganhando destaque na política e na comunidade científica nos últimos anos (ADELMAN, 2003; BHATTACHARYA, 2008; MARTEN; WITTE, 2008; SRIVASTAVA, 2010). Entretanto, a literatura da área argumenta que não há neutralidade no relacionamento dessas agências de cooperação, pois as relações entre doadores e donatários estão essencialmente orientadas por valores, que podem ser políticos, econômicos ou sociais. Essa aparente neutralidade é amparada talvez pelo fato dessas fundações terem um caráter “sem fins lucrativos” ou “não

governamentais”, nomenclatura que remete a concepção que nas parcerias entre doadores e donatários há uma cooperação vertical, com interesses puramente altruístas.

No entanto, é necessário investigar a atuação dessas fundações com um olhar mais crítico. Robert Arnove organizador do estudo *“Philantropy and cultural imperialism: the foundation at home and abroad”* de 1982, ressalta que fundações como Carnegie, Rockefeller e Ford têm o poder corrosivo sobre a sociedade democrática, representando concentração de riqueza e poder razoavelmente não controlada e não dimensionada que compra talento, promove causas e estabelece de fato uma agenda sobre o que se merece a atenção social, servindo como agências de cooptação, atrasando e evitando mudanças estruturais mais radicais.

Para Arnove (1982) as razões políticas que nortearam a criação de agências de cooperação são bem conhecidas, e as três principais fundações americanas tinham estilos de intervenção do tipo “paternalistas”, isto é, em grande medida, as decisões eram tomadas, sobretudo pelas agências doadoras. Essas agências têm sido denominadas filantrópicas (ou paternalistas), podendo ser formalmente definidas como instituições não-governamentais, organizações sem fins lucrativos e que têm seus próprios fundos, gerenciadas por seus diretores e que estabelecem uma relação de ajuda social, educacional, caridosa, religiosa ou outras atividades que tenham como objetivo o bem-estar social.

Estudos recentes como o de Parmar (2012) que enfatizou em sua pesquisa as mesmas fundações consideradas como as três maiores e mais influentes dos EUA, mostra como a atuação dessas fortaleceram este país, ajudando-o a almejar uma posição de hegemonia global. Ao analisar a literatura sobre essas fundações, o autor desmistifica sistematicamente a ideia de que elas são neutras, apolíticas e independentes do Estado ou do mercado. Também justifica a utilização de uma análise gramsciana⁸ para examinar a relação baseada no poder entre as fundações e o Estado, argumentando que as fundações desenvolvem suas agendas de acordo com as diretrizes do estado americano, elaborando estratégias políticas, formando

⁸ Antonio Gramsci elaborou um modelo intelectual, cujo princípio fundamental é o conceito de "hegemonia cultural", pelo qual acreditava que ao se criar uma coalizão entre governo, acadêmicos e elites comerciais criando uma rede de cooperação, cria-se as ideias principais que definirão os rumos de uma sociedade e, juntos, manterão o domínio do sistema capitalista sobre as massas ignorantes. Parmar relaciona essa teoria a atuação dessas fundações para manter a hegemonia dos Estados Unidos nos países que elas atuam.

e mobilizando a opinião das elites acadêmicas, construindo organizações internacionais formais e informais, facilitando assim, a globalização neoliberal.

Sayward (2013) analisa que o argumento básico de Parmar (2012) de que apesar dos propósitos declarados de neutralidade política e filantropia desinteressada, as fundações Ford, Carnegie e Rockefeller têm, nos últimos 80 anos, se empenhado em um projeto sistemático para desenvolver redes de elites que perpetuam o império de poder norte-americano. As "*Big Three*", como lhes chama Parmar, fizeram isso originalmente através da criação de programas acadêmicos em relações internacionais e estudos americanos em universidades da *Ivy League* em 1930 e 1940, e em seguida nos anos do pós-guerra por financiamento *think tank*⁹ e programas de pesquisa, como o Conselho de Relações Exteriores, que estavam intimamente ligados ao Departamento de Estado dos EUA, a Agência Central de Inteligência e ao Conselho de Segurança Nacional.

Dufour (1987) traçou uma relação entre as estratégias das fundações privadas de cooperação internacional, demonstrando como as fundações Rockefeller, Carnegie e Ford têm fortalecido seu poder político não oficial, para promover uma ideologia de acordo com os seus interesses. Ao analisar o papel dessas como formuladoras de políticas não-oficiais, especialmente no campo da educação em países em desenvolvimento, o autor afirma que essas fundações investiram pesado em educação nos anos 1960 e 1970. Durante este período, o financiamento de pesquisadores no exterior serviu principalmente como veículo de uma ideologia de desenvolvimento.

O alinhamento das políticas de atuação das fundações com a política externa dos EUA pode ser evidenciado pelas estreitas relações entre líderes políticos atuando como membros das fundações. Como exemplos pode-se mencionar os seguintes casos:

- John Foster Dulles, se tornou Secretário de Estado quando ainda atuava no conselho da Fundação Rockefeller;

⁹ Um *think tank* é uma organização de carácter permanente que desenvolve reflexão, análise e soluções de políticas públicas. A comunicação dos seus resultados tem como principais alvos os decisores políticos e a opinião pública, sempre com a preocupação de desenvolver uma sociedade civil mais informada e participativa. Um *think tank* não deve pretender estar ao serviço de nenhum grupo de interesse específico, pelo contrário, deve preservar a sua independência e agir em benefício do interesse público. Os seus resultados são demonstrados pela qualidade das suas ideias e propostas e pelo impacte que estas têm na melhoria das políticas públicas e na vida das pessoas por elas influenciadas. (PAIS, M. Porquê um think tank? *Contraditório*, 6 fev. 2010.)

- Dean Rusk foi um oficial do Departamento de Estado antes de se tornar presidente da Fundação Rockefeller e depois se tornou secretário de Estado dos Presidentes Kennedy e Johnson;
- Paulo Hoffman, que dirigiu o Plano Marshall, se tornou presidente da Fundação Ford;
- Nelson Rockefeller, tornou-se governador de Nova York e vice-presidente dos EUA; e
- McGeorge Bundy atuou como conselheiro de Segurança Nacional do presidente Kennedy antes de se tornar presidente da Fundação Ford (BERMAN, 1983).

Observa-se que partilhavam uma visão de mundo comum, e esses líderes públicos e privados, por vezes, trabalharam juntos em iniciativas oficiais do governo que às vezes solicitam as fundações para prosseguirem com alguns programas.

Vale ressaltar que, se o trabalho das fundações em países em desenvolvimento estava alinhado com políticas governamentais americanas durante a Guerra Fria, há argumentos que mostram que as fundações também estavam dispostas a divergir de alguma forma com a política externa dos EUA em determinadas questões. Uma delas estava relacionada ao tema direitos humanos, pois após os golpes militares de Estado e a instalação de regimes de repressão na América Latina na década de 1970, o governo dos EUA continuou a apoiar estes governos. No entanto, as fundações protegeram estudiosos e intelectuais ameaçados durante as ditaduras militares, pois muitos desafiaram as práticas repressivas do governo daquela época e também fomentaram organizações de direitos humanos que monitoravam, documentavam e divulgavam abusos governamentais dos direitos humanos (KOREY, 2007).

As fundações também ajudaram a desafiar o regime do *Apartheid* na África do Sul. A partir dos anos 1970, Carnegie, Ford e Rockefeller financiaram instituições acadêmicas e organizações da sociedade civil na África do Sul envolvidas em projetos de lei de interesse público para desafiar políticas de *Apartheid* nos tribunais. Estas fundações apoiaram organizações incluindo o *Centre for Applied Legal Studies*, *Legal Resources Center* e *LRC at the University of Witwatersrand* que buscavam desafiar os sistemas de poder através da

combinação de processos judiciais e pesquisas científicas, agindo em nome dos mais vulneráveis. Fomentaram projetos de divulgação de práticas repressivas, defenderam práticas discriminatórias e também financiaram estudantes de direito para terem uma formação de excelência afim de defenderem o interesse público. Houve casos em que pagaram advogados para fornecerem assessoria jurídica para pessoas físicas que tiveram seus direitos infringidos (SPERO, 2010).

Wormser (1993) ressalta sobre os perigos das doações das fundações para fins políticos; uma vez que os fundos das fundações podem surgir do acúmulo de poder econômico e influência cultural concentrada nas mãos de uma classe de administradores de fundos, e por seu caráter sem fins lucrativos, possui isenção de impostos. Surgiu, assim, uma ‘elite’, no controle de grandes recursos financeiros, atuando fora de processos democráticos, que podem moldar o futuro de certas áreas de atuação conforme a imagem de seus próprios conceitos de valor. Uma quantidade incomparável de poder está concentrada de forma crescente nas mãos de um grupo entrosado e vitalício. Diferentemente do poder da gestão empresarial, ele não é controlado pelos acionistas; ao contrário do poder do governo, ele não é controlado pelo povo; diversamente do poder das igrejas, ele não é controlado por quaisquer cânones de valor firmemente estabelecidos.

Destaca-se que as fundações atuam cada vez mais focadas no fortalecimento de redes internacionais de investigação, com a finalidade de melhor compreender e direcionar os processos sociais nos países em desenvolvimento. Estas fundações estão voltando suas atenções para organizações de pesquisa e instituições acadêmicas especializadas em relações internacionais e estudos de paz. O seu envolvimento nestas áreas reflete sua tentativa de acabar com as crises internacionais.

O investimento em educação primária é considerado como aquele que tem maior retorno em termos sociais e econômicos (PSACHAROPOULOS, 1983). Outra ênfase está em auxiliar os países em desenvolvimento, a fortalecer a gestão da C&T, criando capacidades de planejamento e gestão de informação estratégica (SCHIEFELBEIN, 1983).

A crescente dependência que a pesquisa científica tem do fomento obriga os cientistas a moldarem seus projetos de acordo com os princípios preestabelecidos do órgão financiador. Nota-se que desde o início da atuação das

fundações, elas observam potencial estratégico em se investir no campo do desenvolvimento científico e tecnológico.

Autores como Weischadle (1980); Arnove (1980, 1982); Dufour (1987); Roelofs (1984) e Wormser (1993) acreditam que as atuações das fundações americanas em países em desenvolvimento não são benéficas. No entanto, diante dessas contradições se pode admitir que os preceitos das fundações americanas estão presentes na educação, no pensamento social e finalmente na esfera da ação política. Essa ingerência atinge a sociedade através das escolas e academias, através de publicidade, ou por meio de associações de classes ou organizações sem fins lucrativos que estabeleceram ou ainda estabelecem parcerias com essas fundações para o desenvolvimento de projetos.

Nos estudos sobre a filantropia científica existem controvérsias, onde duas lógicas principais se defrontam. Se, por um lado, as fundações filantrópicas americanas podem fazer parte de uma rede de políticas não-oficiais cuja atividade internacional reflete interesses predominantemente americanos. As fundações têm tentado exportar esse modelo de cooperação, no qual acreditam que a ajuda dos países do Norte para os países em desenvolvimento, através do apoio às áreas estratégicas – tais como educação, saúde, meio ambiente, direitos humanos – são essenciais para o desenvolvimento desses países. De outro, as fundações contribuem financeiramente com várias instituições no intuito de melhorar o bem-estar da sociedade, buscando obter reconhecimento, que podem ser utilizados como uma estratégia de marketing institucional.

A obra *'Philanthrocapitalism: how giving can save the world'* de Matthew Bishop e Michael Green, publicada em 2008 representou outro ponto de referência sobre a discussão das abordagens das fundações privadas em relação a prestação de assistência ao desenvolvimento (BISHOP 2006; 2009; BISHOP; GREEN, 2010). Apresentando vários exemplos de iniciativas financiadas por fundações, incluindo muitas relativas a organizações proeminentes, tais como a *Bill e Melinda Gates Foundation*, a Fundação Clinton e a Fundação Rockefeller.

Edwards (2008) também ressalta o movimento do 'filantropocapitalismo', que promete revolucionar a filantropia. Essa é uma característica das grandes organizações sem fins lucrativos que operam como empresas e criam novos produtos e bens de serviços que beneficiam a sociedade. Os defensores desse movimento

acreditam que princípios de gestão dos negócios podem ser combinados com sucesso da busca para transformação social.

No entanto, as grandes corporações de certa maneira causam problemas sociais, pois na realidade toda empresa possui como objetivo essencial a busca por riqueza. Apesar da aparente cooperação para transformação social, na realidade existe um plano de marketing corporativo, para manter uma boa reputação perante a sociedade, pois há complexidades para mudança social efetiva.

Há dúvidas sobre a eficácia e responsabilidade comprovada da filantropia orientada para negócios e a capacidade dos filantropocapitalistas para resolverem os problemas sociais, principalmente no que se refere a desigualdade econômica e social dos países (EDWARDS 2008; RAMDAS 2011). Na mesma linha, Jenkins identifica vários riscos associados com a nova geração da filantropia, enfatizando seu potencial para mudar a maneira que as organizações sem fins lucrativos perseguem a mudança social (JENKINS, 2011).

Isto sugere que a percepção da sociedade sobre envolvimento das fundações no desenvolvimento dos países pode ser moldada através de uma conscientização sobre a importância desse tipo de apoio.

Conclusões

Devido à sua independência financeira, as fundações podem ter um relacionamento distante com governos e com estruturas oficiais. Para a imagem dessas fundações esse distanciamento pode ser benéfico por se caracterizar aparentemente neutro, mas por outro lado pode tornar redundante o apoio a determinadas áreas, negligenciando áreas mais necessitadas. Geralmente as fundações trabalham com áreas prioritárias, que são determinadas de acordo com o objetivo e foco de atuação de cada fundação.

Andrews (1956) ressalta que os termos "fundação filantrópica" e "fundação privada" são frequentemente usados como sinônimos, porque filantropia geralmente conota altruísmo. No entanto, nessa tese o termo "fundação privada" é utilizado por se caracterizar como mais específico e neutro para referenciar obras de interesse a esse estudo, mesmo porque, não há altruísmo puro e desinteressado nas relações dessas fundações.

Nota-se que as fundações têm procurado melhorar a eficácia e eficiência buscando alcançar objetivos pré-definidos, elaborando estratégias de atuação e monitorando os resultados alcançados. Como recompensa, são reconhecidas mundialmente pelo seu prestígio junto às comunidades científicas, no entanto, vale destacar que há várias críticas em relação às ações dessas fundações no contexto da cooperação internacional.

As fundações privadas americanas foram importantes no processo de cooperação internacional, pois têm o potencial de proporcionar fontes de financiamento adicionais e alternativas para o desenvolvimento, podendo introduzir modelos inovadores de prestação de assistência à modernização dos países em desenvolvimento. Elas buscam preencher nichos onde outros atores não forneceram o financiamento adequado.

Sem a pretensão de um estudo exaustivo, o próximo capítulo analisa a atuação da FF no Brasil e procura destacar os elementos que evidenciem a relação dessa fundação com o desenvolvimento do Brasil. Apesar de se considerar que nas atividades filantrópicas não há neutralidade, pois sempre haverá elementos políticos, econômicos e sociais que impulsionam tais ações, não se pode deixar de ressaltar as contribuições dessa fundação na consolidação de comunidades científicas, estruturação de instituições de ensino e pesquisa, formação de políticas públicas e implantação de ações voltadas aos direitos e garantias individuais do país.

Referências

ADELMAN, C. The privatization of foreign aid: reassessing national largesse. **Foreign Affairs**, Tampa, v.82, n.6, p.9-14, 2003.

ANDREWS, F. E. **Philanthropic foundations**. New York: Russell Sage Foundation, 1956.

ARNOVE, R. F. **Philanthropy and cultural imperialism: the foundations at home and abroad**. Boston: GK Hall, 1980.

ARNOVE, R.F. **Philanthropy and cultural imperialism: the foundations at home and abroad**. Bloomington: Indiana University Press, 1982.

BERMAN, E. H. **The influence of the Carnegie, Ford and Rockefeller Foundations on american foreign policy: the ideology of philanthropy**. Albany: State University of New York Press, 1983.

BHATTACHARYA, A. **The role of aid in a changing world**. Does Aid Work? Conference, CIDA/North-South Institute, Ottawa, Canada. 17-18 Jun. 2008.

Disponível em: <<http://www.nsi-ins.ca/english/events/DAW/Bhattacharya.ppt>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

BISHOP, M. **Philanthrocapitalism**: yes we can. 2009. Disponível em: <http://huffingtonpost.com/matt-hew-bishop/philanthrocapitalism-yes_b_163253.html>. Acesso em: 19 jan. 2014.

BISHOP, M. The birth of philanthrocapitalism. **The Economist**, v.378, n.8466, p. 8-11, 2006.

BISHOP, M.; GREEN, M. **Philanthrocapitalism**: how giving can save the world. London: A. & C. Black, 2010.

BRAINARD, L.; LAFLEUR, V. Making poverty history?: how activists, philanthropists, and the public are changing global development. IN: BRAINARD, L.; CHOLLET, D. (Eds.). **Global development 2.0**: can philanthropists, the public, and the poor make poverty history?, Washington: Brookings Institution Press, 2008. p. 9-4.

BRASIL. Secretaria de Ações Estratégicas (SAE). Presidência da República. **Vozes da nova classe média**. 2013. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/site/?p=17901#ixzz2tCVIjLKc>>. Acesso em: 13 fev. 2014.

BUDANI, A.; LUFT, M.; OLLARI, M. **América Latina e a filantropia no contexto de crise global**. AVINA, 2012.

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL (CEDEPLAR). **Relações institucionais**, 2014. Disponível em: <http://web.cedeplar.ufmg.br/cedeplar/site/index.php?option=com_content&view=article&id=308&Itemid=330>. Acesso em: 01 dez. 2015.

COELHO, L. F. **Fundações públicas**. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

CUNHA, L. S.; CABRAL, M. V. A arte da associação: o terceiro setor em debate. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 359-372, jul. / dez. 2009.

DINIZ, G.S. **Direito das fundações privadas**: teoria geral do exercício de atividades econômicas. 3. ed. São Paulo: Lemos & Cruz, 2006.

DINIZ, M.H. **Direito fundacional**. São Paulo: Companhia melhoramentos, 1998.

DUFOUR, M. **Foundations as unofficial policymakers**: the role of the Rockefeller, Carnegie and Ford Foundations on education in developing countries. 1987. 97 f. Thesis (Doctor In Master Of Arts In Comparative Education) - Department Of Graduate Studies And Research, McGill University, Montreal, Quebec, 1987.

ECONOMIC AND SOCIAL COUNCIL (ECOSOC). **Private philanthropic organizations in international development cooperation**: new opportunities and specific challenges, mimeo. 2012.

EDWARDS, M. Philanthrocapitalism: after the goldrush. **OpenDemocracy**, 20 mar. 2008.

ENGDAHL, F. W. **“Doomsday Seed Vault” in the Arctic**: Bill Gates, Rockefeller and the GMO giants know something we don't. 2007. Disponível em:

<<http://www.globalresearch.ca/doomsday-seed-vault-in-the-arctic-2/23503>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

FLEISCHMAN, J. et al. **The foundation**: a great american secret: how private wealth is changing the world. New York: Public Affairs, 2007.

FOSDICK, R. B. **The Story of the Rockefeller Foundation**. New York: Harper & Brothers, 1952.

FOUNDATION CENTER. **History of foundation transparency**, 2014. Disponível em: <<http://www.glasspockets.org/why-transparency/history-of-foundation-transparency>>. Acesso em: 29 set. 2014.

FOUNDATION CENTER. **International grantmaking update**: a snapshot of U.S. foundation trends. New York: Foundation Center, 2012. 6 p. Disponível em: <http://foundationcenter.org/gainknowledge/research/pdf/intl_update_2012.pdf>. Acesso em: 27 set. 2014.

FUNDAÇÃO AVINA. **Índice de doadores para a América Latina e o Caribe**: relatório sobre os principais mobilizadores de recursos para a sociedade civil latinoamericana, 2011. Disponível em: http://www.lacdonors.org/biblio/Donantes%20a%20America%20Latina%20-%20Actualizacion%202012/Principais_Mobilizadores_de_recursos_SC_Latinoamericana_pt.pdf>. Acesso em: 29 out. 2015.

FUNDAÇÃO AVINA. **Latin America Donor Index**. Cidade de Panamá, 2009. Disponível em: <<http://www.indicedoadores.org/faq>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

FUNDAÇÃO BRADESCO (Osasco). **Recursos**. 2013. Disponível em: <<http://www.fb.org.br/>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

GARDNER, J. R. Oral History and Philanthropy: Private Foundations. **The Journal of American History**, v. 79, n. 2, p. 601-605, sep. 1992.

GLOBAL FUND TO FIGHT AIDS, TUBERCULOSIS AND MALARIA. **About the Global Fund**. 2014. Disponível em: <<http://www.theglobalfund.org/en/about/?lang=en>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

HOUSE OF COMMONS. **Private foundations**: thirteenth report of session 2010-2012. Disponível em: <<http://publications.parliament.uk/pa/cm201012/cmselect/cmintdev/1557/1557.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

HUDSON INSTITUTE. **The index of global philanthropy and remittances**. Washington, 2010.

HUNTINGTON, S. P. Foreign aid for what and for whom. **Foreign Policy**, n. 1, p. 161-189, Winter 1970-1971.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. 178 p. (Estudos e pesquisas: informação econômica, 20).

JENKINS, G. Who's afraid of philanthrocapitalism? **Case Western Reserve Law Review**, v. 61, n. 3, p.753-821, 2011.

KHURANA, R.; KIMURA, K.; FOURCADE, M. How Foundations Think: The Ford Foundation as a Dominating Institution in the Field of American Business Schools.

Working Paper, 11-070, Harvard Business School, 2011. Disponível em: <<http://www.hbs.edu/faculty/Publication%20Files/11-070.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2016.

KOREY, W. **Taking on the world's repressive regimes**: the Ford Foundation's international human rights policies and practices. New York: Palmgrave McMillian, 2007.

LANGEMANN, E.C. **Private power for the public good**: a history of the Carnegie Foundation for the advancement of teaching. Middletown: Wesleyan University Press; Scranton: Distributed by Harper & Row, 1983.

LUNDSGAARDE, E.; [et al.]. Private foundations and development cooperation: Insights from Tanzania. **Studies Deutsches Institut für Entwicklungspolitik**, Bonn, n. 69, 2012.

MARINHO, M. G. S. M. C. A presença norte-americana na educação superior brasileira. **THESIS**, São Paulo, a. 1, v.3, p. 54-77, 2. sem., 2005.

MARINHO, M. G. S. M. C. **Norte-americanos no Brasil**: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo, 1934-1952. Campinas: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2001.

MARTEN, R.; WITTE, J.M. **Transforming development?** the role of philanthropic foundations in international development cooperation. GPPI Research Paper Series, Berlim, n. 10, 2008. Disponível em: <www.gppi.net>. Acesso em: 10 fev. 2012.

MARTINE, G. O papel dos organismos internacionais na evolução dos estudos populacionais no Brasil: notas preliminares. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v. 22, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982005000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2016.

MILANI, C. R. S.; LOUREIRO, J. C. S. Cooperação internacional e desenvolvimento: análise da atuação de agências internacionais em Duque de Caxias (Rio de Janeiro). **Cadernos EBAPE.BR** [online], v.11, n.2, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v11n2/v11n2a04.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2015.

NELSON, J. Effecting change through accountable channels. IN: BRAINARD, L., CHOLLET, D. (Eds.). **Global development 2.0**: can philanthropists, the public, and the poor make poverty history?, Washington: Brookings Institution Press, 2008. p.149-186.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. DEVELOPMENT ASSISTANCE COMMITTEE (OECD-DAC). **Philanthropic foundations and development co-operation**, 2003. Disponível em: <<http://oecd.org/dataoecd/23/4/22272860.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2016.

PARMAR, I. **Foundations of the american century**: the Ford, Carnegie, & Rockefeller Foundations in the rise of american power. New York: Columbia University Press, 2012.

PSACHAROPOULOS, G. Education as investment. In: **Education and development**. Washington: The world bank, 1983.

RAMDAS, K. **Point**: philanthrocapitalism is not social change philanthropy. 2011. Disponível em: <http://www.ssireview.org/point_counterpoint/philanthrocapitalism>. Acesso em: 26 maio 2014.

ROELOFS, J. Foundations and the Supreme Court. **Telos**, Washington, v.22, p. 59-88, 1984.

RUEFF, M. **The construction of a professional monopoly**: Medical education in the U.S., 1765-1930. Princeton University, Department of Sociology, Working Paper, 2006.

SAYWARD, A. [Resenha]. **Journal of American Studies**, v.47, issue 01, p.281-282, fev. 2013.

SCHIEFELBEIN, E. **Educational financing in developing countries**. Ottawa: International Development Research Center, 1983.

SCHINDLER, S. Curbing global population growth: Rockefeller's Population Council. IN: Joel L. Fleishman, J. Scott Kohler, Steven Schindler. **Casebook for The Foundation**: a great american secret. New York: Public Affairs, 2007. Disponível em: <http://cspcs.sanford.duke.edu/publications/casesforthefoundation>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

SCOTT, S. **Philanthropic foundations and development co-operation**. Paris: OECD, 2003.

SPERO, J. **The global role of U.S. foundations**. New York: Foundation Center, 2010.

SRIVASTAVA, P.; OH, S.A. Private foundations, philanthropy, and partnership in education and development: mapping the terrain. **International Journal of Educational Development**, v.30, p.460-471, 2010.

UNIVERSITY OF CAMBRIDGE. **Gates Cambridge Trust**, 2013. Disponível em: <<http://www.admin.cam.ac.uk/students/studentregistry/fees/funding/trusts.html>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

VARGAS, A. C. C.; FERREIRA, L. F. **Investigação sobre a conjuntura dos investimentos das organizações internacionais no campo social brasileiro no período de 2008-2010**. São Paulo: Instituto Fonte, D3-Diálogo, Direitos e Democracia, [2010]. Disponível em: <http://www.fonte.org.br/sites/default/files/pesquisa_D3.pdf>. Acesso em: 04 fev. 2014.

VIRGINIO, A. S. Educação e sociedade democrática: interpretações sociológicas e desafios à formação política do educador. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 14, n. 29, abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 fev. 2016.

WORMSER, R. A. **Foundations**: their power and influence. 3. print. San Pedro: Covenant House Books, 1993.

Recebido em Fevereiro de 2016

Aprovado em Outubro de 2016